

GEOGRAFIA DE PORTUGAL

(O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH, S. DAVEAU);
OS DOIS PRIMEIROS VOLUMES

A publicação dos dois primeiros volumes da *Geografia de Portugal*, da autoria de ORLANDO RIBEIRO, HERMANN LAUTENSACH e SUZANNE DAVEAU, constitui acontecimento de particular significado, que não pode deixar de ser devidamente sublinhado nesta revista ⁽¹⁾.

Como expõe detalhadamente S. DAVEAU na «Introdução» (I vol., p. XI-XXIII; vejam-se também os anexos, p. 279-308), o projecto de elaborar uma obra desenvolvida relativa a essa matéria acompanhou sempre o percurso científico de O. RIBEIRO. Tendo aparecido em 1932 e 1937 os dois tomos do minucioso livro de H. LAUTENSACH sobre o assunto ⁽²⁾, surgiu a ideia de basear nele um trabalho em colaboração, remodelando-o e incluindo os resultados de investigações mais recentes,

⁽¹⁾ *Geografia de Portugal* por ORLANDO RIBEIRO e HERMANN LAUTENSACH, organização, comentários e actualização de SUZANNE DAVEAU, Edições João Sá da Costa, Lisboa; volume I, *A Posição Geográfica e o Território*, 1987, volume II, *O Ritmo Climático e a Paisagem*, 1988 (624 p., numeração seguida, mais XXIII p. no I vol. e XII no II, 136 figuras, 18 quadros ou tabelas).

⁽²⁾ *Portugal auf Grund eigener Reisen und der Literatur*, Gotha 1932-37.

em parte concretizadas pelo próprio O. RIBEIRO. Circunstâncias diversas fizeram com que este plano não fosse realizado (⁸). Entretanto, chamado a colaborar numa *Geografia da Península Ibérica* publicada em Espanha, O. RIBEIRO dedicou ao nosso país um dos seus volumes (⁹), mas foi adiando a difusão da sua versão portuguesa original, fiel ao designio de produzir o livro detalhado, de mais rasgadas perspectivas, cujo plano continuava a amadurecer. Ainda em 1975, traçava com minúcia a estrutura desse plano, deixando apenas incompleta a parte regional, e escrevia um projecto do que seria o prefácio (I vol., p. 298-308). O sucesso de alguns trabalhos mais condensados, com particular saliência para *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1.^a ed., 1945; 5.^a ed., 1987), não o fazia esquecer o objectivo que lhe era tão caro.

Mas os anos foram passando implacavelmente e acabou por ser S. DAVEAU, colega e esposa de O. RIBEIRO, estabelecida em Portugal a partir de 1965, autora de trabalhos de investigação sobre temas diversos da geografia do país, quem assumiu o encargo de retomar os planos que tinham sido esboçados há mais de quatro décadas; a obra não se apresenta sob a forma de um texto contínuo e homogéneo, tal como a haviam projectado o geógrafo português e o alemão, mas, atendendo aos condicionalismos presentes, a responsável pela sua organização optou pelo arranjo que lhe pareceu mais aconselhável: em cada capítulo surge primeiro a tradução do texto de H. LAUTENSACH, publicado em 1932, depois a versão portuguesa original do de O. RIBEIRO (1955) e, por fim, são incluídos os comentários e actualizações de S. DAVEAU. Acrescente-se ainda que a contribuição de H. LAUTENSACH foi parcialmente revista e modificada pelo autor em 1944 e que, embora a presente obra se refira às características gerais do país, foi decidida a inclusão dos dois últimos capítulos do segundo volume (1937) do trabalho deste autor, dedicado principalmente à parte regional, os quais se integram bem no esquema agora adoptado. Por outro lado, a sequência dos capítulos e suas divisões não é rigorosamente a mesma das duas obras, cujos planos são apresentados nas p. 284-289 e 296-297 do I volume; não sendo coincidentes, S. DAVEAU procurou, com êxito, harmonizá-los segundo aquele mesmo esquema.

O primeiro volume, *A Posição Geográfica e o Território*, analisa os «aspectos mais estáveis do território — a posição em relação à Península Ibérica e ao Atlântico, e a organização das formas do relevo», enquanto o segundo, *O Ritmo Climático e a Paisagem*, trata dos «aspectos da paisagem natural que são submetidos a uma constante e mais ou menos rápida modificação (...), mostra as modalidades de um clima irregular e variado, mas sempre com acentuado ritmo anual, e as suas conse-

(⁸) Além dos textos citados, consulte-se ainda S. DAVEAU, «O Centenário de Hermann Lautensach e a Publicação da Geografia de Portugal», *Finisterra*, XXI-42, Lisboa 1986, p. 380-381.

(⁹) *Portugal*, tomo V de *Geografía de España y Portugal* (dir. MANUEL DE TERÁN), Barcelona 1955.

quências sobre o escoamento das águas e os aspectos matizados do manto vegetal» (II vol., p. XI). Estão previstos dois outros volumes, intitulados *O Povo Português* e *A Vida Económica e Social*.

Após a «Introdução», por S. DAVEAU, que apresenta os antecedentes do livro, aqui sumariamente aludidos, o I capítulo tem por tema «A Posição Geográfica» (p. 3-35). Desde logo, H. LAUTENSACH situa «Portugal no contexto ibérico», com base nos princípios teóricos que orientam a sua concepção da geografia regional (os quais serão retomados no final desta notícia), e examinando tanto as características físicas como, mais sumariamente, as humanas. É um texto com objectivos, em boa parte, metodológicos, como afirma o autor (p. 22); nele se faz também breve referência à diferenciação toponímica e às circunstâncias da separação política do país. Sem negar as ligações de Portugal com as regiões peninsulares vizinhas, as transições através das quais se processa, não raro, a passagem do primeiro para as segundas, H. LAUTENSACH admite que o território português constitui (juntamente com o sudoeste da Galiza) uma unidade geográfica no quadro ibérico, equivalente à «parte atlântica da periferia da Península» (p. 23). É o famoso problema da «individualidade geográfica de Portugal», desenvolvido pelo autor num conhecido artigo publicado em 1931 no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. O. RIBEIRO, num curto mas denso texto sobre «posição, figura, expressão», evidencia as influências geográficas presentes na terra portuguesa e mostra atitude mais flexível quanto ao assunto; como nota S. DAVEAU, a brevidade destas páginas justifica-se pela inclusão do livro de que constituem o pórtico numa coleção relativamente ampla sobre a Península Ibérica no seu conjunto e pela larguezza com que o autor encarara o tema em trabalhos anteriores ou em preparação.

O capítulo II, «O Mar e o Litoral» (p. 37-117), constitui, no que à parte de H. LAUTENSACH se refere, o contraponto do anterior, já que, no contexto geográfico de Portugal, as influências oceânicas justapõem-se às relações com os territórios espanhóis vizinhos. Este texto faz parte também da análise da geografia física do país e abre — como todos os capítulos dessa análise — com uma breve referência à evolução histórica das investigações; passam-se depois em revista os diversos temas do assunto tratado, incluindo o estudo da plataforma continental e o enunciado minucioso das características das águas do mar. As páginas de O. RIBEIRO são extraídas dum capítulo já avançado do seu livro, onde também se trata da vida litoral, com o estudo da qual se encontram relacionadas — o que lhes confere necessariamente outra feição, embora não deixem de ser referenciados os vários aspectos a considerar. Os comentários e actualização de S. DAVEAU evidenciam os grandes progressos entretanto havidos neste domínio, designadamente quanto à plataforma continental (cujo conhecimento tanto ajuda a compreensão do relevo das terras emersas) e à dinâmica das águas oceânicas, com relevância para o fenômeno do *upwelling* ao longo da costa, sugerido aliás por H. LAUTENSACH na revisão do seu texto a que procedeu em 1944 (p. 112).

Com o capítulo III, «O Relevo» (p. 119-277), termina o primeiro volume⁽⁵⁾. O texto de H. LAUTENSACH ressente-se da escassez de trabalhos de pormenor e, após considerações gerais, baseadas em parte nos dados fornecidos por ciências próximas da Geomorfologia, ordena-se através da análise regional do território, traçada de norte para sul; no final, são apresentados um balanço dos principais conhecimentos sobre a matéria e dos problemas então existentes, bem como uma proposta de divisão geomorfológica do país. Apesar de ultrapassadas em muitos aspectos, estas páginas de H. LAUTENSACH contêm observações de grande interesse, para além de sugestões metodológicas diversas, em parte inovadoras. Nota, por exemplo, S. DAVEAU: «Como apreciar, à luz dos conhecimentos actuais, o brilhante e insistente uso que H. LAUTENSACH fez da noção de Culminação Ibérica Principal, derivada da interpretação dos trabalhos de STAUB e de vários outros geólogos e apoiada na análise dos andares dos jazigos minerais? (...) o eixo da Culminação Principal corresponde, com boa aproximação, ao da Zona Centro Ibérica que forma, com a vizinha Zona Ossa-Morena, a parte axial da antiga cadeia hercínica, onde afloram as rochas mais antigas e mais afectadas pelo metamorfismo e plutonismo granítico» (p. 203).

O. RIBEIRO apresenta-nos uma vigorosa síntese sobre o relevo de Portugal, apoiada no conhecimento da evolução geológica e sistematizada segundo as grandes unidades estruturais e a análise dos episódios ocorridos nos períodos recentes. São páginas que ainda hoje se revestem de flagrante actualidade. Não se pode esquecer, porém, a profunda renovação que conheceram posteriormente as Ciências da Terra e que justificam a largueza dos comentários de S. DAVEAU (cerca de 80 páginas, o maior dos textos desta autora, juntamente com o do capítulo sobre o clima). A análise dos contributos de H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO, designadamente com observações críticas quanto a diversos pontos do primeiro, seguem-se referências à melhoria dos instrumentos de trabalho e à expressão cartográfica de sucessivas investigações (apresentação e comentário de 19 mapas relativos a diversas regiões do país e difundidos entre 1940 e 1986, que formam um conjunto muito expressivo). Juntam-se ainda alíneas sobre as grandes linhas de investigação e o ponto actual dos problemas; a autora renuncia a «propor nova interpretação genética do relevo português» (p. 273), mas integra na sua síntese as mais recentes aquisições científicas, incluindo, por exemplo, os efeitos da

⁽⁵⁾ Isto, para além de 8 anexos, de grande interesse, e das notas. Os anexos compreendem, pela ordem com que são apresentados: o prefácio de H. LAUTENSACH ao seu livro (1932); o sumário dos dois volumes deste (1932-37); o plano elaborado por O. RIBEIRO para a Geografia de Portugal que seria escrita em colaboração por ele e por H. LAUTENSACH (1943); uma esclarecedora carta deste a O. RIBEIRO, sobre o assunto (1944); o prefácio de O. RIBEIRO, não incluído na versão castelhana do seu livro (c. 1955); o índice geral deste (1955); o projecto de prefácio à Geografia de Portugal, por O. RIBEIRO (1975); e o plano analítico da mesma, elaborado por este autor (1975?).

deslocação das massas continentais, a neotectónica e suas relações com a instabilidade das grandes placas da crusta e a evolução climática a partir do Pliocénico.

O capítulo IV, com que abre o segundo volume, tem por tema «O Clima» (p. 335-464). Nele, H. LAUTENSACH debruça-se sobre a evolução do tempo ao longo do ano, considerando simultaneamente a Climatologia dinâmica e a Climatologia analítica, esta assente nos dados estatísticos apurados nas diversas estações meteorológicas (veja-se o comentário de S. DAVEAU, p. 387, que sublinha o mérito desta concepção); seguidamente, o autor analisa a diversidade climática do território, os resultados obtidos aplicando a classificação de KÖPPEN e, a terminar, tal como no capítulo anterior, um conjunto de conclusões e problemas. O texto de O. RIBEIRO, mais sucinto (⁶), segue fundamentalmente o mesmo esquema e sublinha a variação anual das condições do tempo, aspecto muito importante do clima de Portugal e com reflexos salientes no âmbito da actividade económica (agricultura, produção de energia hidroeléctrica). Como se disse atrás, os comentários e a actualização de S. DAVEAU sobre este tema são bastante amplos, e recobrem com minúcia os factores geográficos do clima, os principais elementos e a sua variação anual, bem como os tipos climáticos presentes no território. De notar que, até meados da década de 70, foi escassa a actividade dos geógrafos neste domínio, figurando então como precursora a própria S. DAVEAU. Seria talvez de esperar que a autora concedesse maior atenção à circulação na troposfera superior, aspecto que, por exemplo, A. LÓPEZ GÓMEZ sublinha com pormenor numa recente obra colectiva sobre a Espanha (⁷); trata-se, porém, segundo tudo leva a crer, duma opção metodológica deliberada. Quanto aos tipos climáticos, S. DAVEAU retoma o esboço provisório das regiões climáticas de Portugal, que difundiu pela primeira vez em 1980, num trabalho em colaboração; insiste na circunstância de que «o arranjo regional do clima de Portugal apresenta em primeiro lugar um forte gradiente oeste-leste, resultante da frequência decrescente da penetração das massas de ar atlântico para o interior», mas o mapa agora publicado foi «completado pela indicação do limite climático fundamental entre o Norte e o Sul do País» (p. 452).

O capítulo V, «As Aguas» (p. 465-535), reúne aquele que H. LAUTENSACH intitulou «Os Rios e os Processos de Erosão», e que é também o quinto do seu livro, e a curta alínea sobre o regime dos rios, do capítulo

(⁶) Não deve esquecer-se, mais uma vez, que o trabalho deste autor, ainda que individualizado, se integra numa obra sobre o conjunto da Península, em relação ao qual, noutro volume, há referências ao clima. Por outro lado, no livro de O. RIBEIRO, este é estudado em relação com o regime dos rios e o manto vegetal, no mesmo capítulo. Estes dois últimos temas, tratados com maior brevidade, foram deslocados logicamente por S. DAVEAU para os capítulos seguintes da obra que organizou.

(⁷) *Geografía General de España* dirigida por M. DE TERÁN y L. SOLÉ SABARÍS, Barcelona 1978; vejam-se sobretudo as p. 149-151 e referências diversas nas que se seguem.

que O. RIBEIRO dedicou também ao clima e à vegetação. Na exposição que elaborou, além do estudo dos rios, segundo uma série de tópicos que abrangendo exaustivamente o tema, H. LAUTENSACH analisa a erosão fluvial e problemas relacionados com a alteração das rochas. Embora «os geógrafos portugueses [tenham dado], até hoje, pouca atenção aos rios», tal como afirma S. DAVEAU (p. 490), os dados entretanto publicados, bem como alguma bibliografia disponível, permitiram-lhe, aproveitando a sua experiência, desenvolver substancialmente o assunto; os comentários a este capítulo ocupam meia centena de páginas e, além do estudo propriamente dos rios, que preenche a maior parte, compreendem referências aos lagos e albufeiras, às águas subterrâneas e alteração das rochas e aos solos.

Finalmente, o capítulo VI, «A Vegetação» (p. 537-603), refere-se a matéria praticamente inexplorada pelos geógrafos, havendo no entanto a assinalar a existência de vários trabalhos de especialistas de ciências vizinhas neste domínio, com interesse para aqueles. Situado já o contributo de O. RIBEIRO no contexto do livro donde foi extraído, refira-se que o de H. LAUTENSACH comprehende duas partes: a que se refere à cobertura vegetal espontânea e subespontânea, correspondente ao VII capítulo do primeiro volume, separado dos de geografia física, atrás referenciados, por um outro, sobre as bases históricas e psicológicas da geografia cultural; o estudo do ritmo anual das paisagens portuguesas, capítulo XVIII do segundo volume, de concepção original, que surge como complemento da diversidade dessas mesmas paisagens no território, expressa a partir da definição das várias regiões. Note-se que o modo como ficou encadeado o estudo da vegetação espontânea e subespontânea na obra original, de H. LAUTENSACH, revela o propósito de sublinhar as influências humanas que aquela evidencia — embora seja de facto a sua análise o objecto da fitogeografia. Além dos comentários, S. DAVEAU introduziu na tabela 17 (p. 565) do texto de H. LAUTENSACH (principais associações espontâneas e subespontâneas), juntamente com a terminologia portuguesa e internacional usada pelo autor, outras designações que se afiguram preferíveis, abrindo assim caminho para a discussão deste importante problema (p. 588-589).

Feita esta breve apresentação dos dois primeiros volumes da *Geografia de Portugal* — e não seria possível, dentro de limites razoáveis, proceder à sua análise aprofundada —, fica evidenciada a importância desta obra. O leitor português — ou que entenda o português escrito — passa a dispor dum instrumento de consulta valioso, sólido, com informação actualizada e ampla bibliografia (*). Ao mesmo tempo, difundem-se

(*) Quanto a esta, nas notas do fim de cada volume, remete-se para os números com que estão referenciados os trabalhos nos dois tomos da *Bibliografia Geográfica de Portugal* (Centro de Estudos Geográficos), que cobrem o período até 1974; os trabalhos não mencionados naquela, em geral posteriores ao ano citado, aparecem referenciados por extenso. Embora cômodo e encaminhando o leitor para uma fonte de consulta do maior interesse, este procedimento torna necessariamente mais laboriosa a utilização da *Geografia de Portugal*.

pela primeira vez no nosso idioma dois livros fundamentais, por largo tempo conhecidos apenas em línguas estrangeiras. É certo que o trabalho de O. RIBEIRO acabou por ter ampla divulgação entre nós, pelo menos no ambiente universitário, onde constituiu leitura obrigatória dos estudantes de Geografia: o facto de ter sido publicado em castelhano possibilitou essa divulgação.

O livro de H. LAUTENSACH, pelo contrário, teve difusão restrita entre os geógrafos portugueses, para muitos dos quais aparecerá agora como autêntica novidade. Dir-se-á porventura que se trata duma obra já envelhecida — e o mesmo se poderá observar, com menor desactualização, em relação à de O. RIBEIRO. Isto não lhes retira, obviamente, interesse, já que muitas observações nelas contidas permanecem válidas e, ao mesmo tempo, ambas se revestem, no seu conjunto, de valor histórico, permitindo avaliar o avanço científico em determinadas épocas, os dados então disponíveis (e que hoje podem revelar-se proveitosos), o modo como se encaravam os problemas nos diversos ramos da geografia, e qual era a imagem do país nessas mesmas épocas — circunstância esta particularmente relevante nos próximos volumes, sobre a geografia humana.

Familiarizado já amplamente com o trabalho de O. RIBEIRO, tive agora ocasião de confirmar a solidez e minúcia do de H. LAUTENSACH, de que, intermitentemente, consultei vários trechos, por meio duma tradução inédita, dactilografada, que, a partir de certa altura, passou a ser acessível, através do Centro de Estudos Geográficos. O leitor não pode deixar de surpreender-se pela pertinência e originalidade de certos pontos de vista, pelo modo exaustivo como são tratados os diversos assuntos. Cite-se, por exemplo, a sucessão de alíneas no estudo das águas oceânicas do litoral: as correntes litorais; a ondulação; as marés; as condições de temperatura e salinidade; biogeografia dos peixes. Ou ainda, no caso dos rios: a rede hidrográfica; os perfis longitudinais; a forma dos vales; a cor das águas; o regime; as cheias.

Por outro lado, o livro assenta, como se disse, nos princípios metodológicos do autor relativos à geografia regional, o que reforça a sua coerência. Em 1932, H. LAUTENSACH enunciava três categorias de forças ou factores geográficos: planetárias, continentais (a Península Ibérica apresenta-se como um pequeno continente) e atlântico-mediterrâneas (vol. I, p. 7-8 e 30-35, estas últimas da autoria de S. DAVEAU). Em 1964, ao estudar a *Península Ibérica* (⁹), precisava melhor o conceito a que chamava de transformação progressiva da paisagem geográfica: «Em qualquer região da superfície terrestre podem distinguir-se quatro direções de transformação da paisagem: a transformação planetária ou zonal, a da periferia ao centro, a de Este-Oeste e a hipsográfica» (p. 21 da versão castelhana).

Nos seus comentários e na actualização das duas obras, S. DAVEAU oferece-nos um excelente quadro do conjunto dos conhecimentos geográficos hoje disponíveis, traçado com grande minúcia e indicação da

(⁹) Veja-se a versão castelhana, *Geografía de España y Portugal*, Barcelona 1967, p. 20-24.

bibliografia mais recente e significativa. Em tarefa desta índole, que exige enorme esforço, há sempre que tomar como base critérios de selecção, susceptíveis de tornar discutível o maior ou menor desenvolvimento concedido a determinados temas, também influenciado pela massa variável de investigações que lhes têm sido consagradas; contudo, no caso presente, são bem sensíveis o escrúpulo e a segurança que nortearam a elaboração destas páginas.

Por mim, permito-me acrescentar apenas duas observações de fundo.

Afigura-se-me, em primeiro lugar, que teria maior cabimento a publicação autónoma de cada uma das obras, tal como os autores as conceberam, como um todo, com a sua articulação própria; seria necessário, evidentemente, acrescentar notas de comentário, rectificação ou actualização, intercaladas nos trechos exactos em que isso se justificasse (o que nem sempre acontece na presente edição, esperando-se então, por parte do leitor, o confronto entre as três parcelas de cada capítulo). Dessa forma, resultaria facilitada a utilização de ambos os livros por estudantes e pelo público menos familiarizado com estas matérias, aos quais também se destinam expressamente os volumes que acabam de aparecer (I vol., p. XII-XIII e XXI, II vol., p. XI-XII). Por outro lado, ficaria aberto o caminho para que S. DAVEAU nos apresentasse um trabalho de mais rasgadas perspectivas, sem os condicionamentos que pesam sobre o seu texto actual.

A segunda observação diz respeito à ausência de referências aos arquipélagos da Madeira e dos Açores, numa *Geografia de Portugal* tão completa como a que agora nos é oferecida. É certo que tanto H. LAUTENSACH, como O. RIBEIRO não contemplaram estas ilhas nos seus livros: mas as circunstâncias eram então outras^(*) e penso que uma descrição do nosso país nos dias de hoje não pode ignorar aqueles territórios.

Como é óbvio, estas observações não desmerecem a valia e a importância da obra aqui apresentada, que creio ter acentuado vincadamente. Aliás, o esquema seguido na sua organização é também defensável e permite diversas formas de consulta. Estamos perante um trabalho que não pode deixar de passar pelas mãos de quem pretenda estudar ou conhecer melhor a geografia de Portugal.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS

(*) Na altura, estava difundida a conhecida distinção entre Portugal Continental, Insular e Ultramarino, constituindo o primeiro o verdadeiro núcleo da nação. «Portugal Insular», de reduzida extensão, designava-se igualmente como «Ilhas Adjacentes», o que de certo modo exprime uma feição secundária em relação ao território continental europeu.